

um estranho numa terra estranha / volume 2

robert a. heinlein

A versão original do clássico de ficção científica
completa e sem cortes

Tradução de Jorge Candeias



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

TERCEIRA PARTE
a sua excêntrica educação

CAPÍTULO 22

Num dos braços de uma galáxia em espiral, perto de uma estrela conhecida por alguns dos seus dependentes como «Sol», outra estrela do mesmo tipo passou por um reajustamento cataclísmico e tornou-se nova. A sua glória seria vista em Marte daí a três anos-preenchidos (729), ou 1370 anos terrestres. Os Antigos tomaram nota desse futuro acontecimento como algo que em breve viria a ser útil para a instrução dos jovens, sem nunca interromperem a discussão entusiasmante e crucial sobre os problemas estéticos relativos ao novo tecido épico em volta da morte do Quinto Planeta.

A partida da nave *Champion* para o seu planeta de origem foi observada sem comentários e instituiu-se vigilância sobre o estranho jovem nela enviado, mas nada mais, pois ainda demoraria algum tempo até poder ser frutuoso grocar o que daí resultasse. Os vinte e três seres humanos deixados em Marte conseguiram lidar, na maioria dos casos com sucesso, com um ambiente letal para humanos desprotegidos mas menos problemático, de um modo geral, do que o existente no Estado Livre da Antártida. Um deles desincorporou por meio de uma doença não diagnosticada a que por vezes se chamava «coração partido» e, noutras alturas, «saudades de casa». Os Antigos acarinharam o espírito

ferido e mandaram-no de volta para o lugar de onde viera, a fim de prosseguir a cura; tirando isso, os marcianos deixaram os terráqueos em paz.

Na Terra, a explosão da estrela vizinha passou completamente despercebida, dado os astrónomos humanos ainda estarem limitados pela velocidade da luz. O Homem de Marte, tendo regressado fugazmente às notícias, voltara a desaparecer delas. O líder da minoria no Senado da Federação clamou por «uma abordagem nova e ousada» para os dois problemas indissociáveis da população e da subnutrição no sudeste asiático, a começar pelo aumento do auxílio de emergência às famílias com mais de cinco filhos. A Sra. Percy B. S. Soucek processou os membros do Conselho da Cidade-Condado de Los Angeles devido à morte do seu *poodle* de estimação Piddle, que ocorrera durante um período de cinco dias de inversão térmica estacionária. Cynthia Duchess anunciou que ia ter o Bebê Perfeito, concebido com um dador anónimo cientificamente selecionado e implantado numa mãe de substituição igualmente perfeita assim que uma bateria de peritos acabasse de calcular o instante exato da conceção que garantisse que a maravilhosa criança seria igualmente genial em música, arte e liderança — e ela própria (com o auxílio de tratamentos hormonais) iria amamentar a criança. Emitiu uma nota de imprensa sobre os benefícios psicológicos da amamentação natural e permitiu, ou insistiu, que a imprensa a fotografasse para provar que era fisicamente dotada para aquele feliz dever — facto que as suas imagens publicitárias normais nunca tinham realmente deixado por determinar.

O Supremo Bispo Digby denunciou-a, apelidando-a de Meretriz da Babilónia, e proibiu todos os fosteritas de aceitarem o serviço, tanto enquanto dadores como no papel de mãe de substituição. Alice Douglas foi citada como tendo dito: «Embora eu não conheça pessoalmente a Menina Duchess, não posso evitar admirá-la. O seu corajoso exemplo devia ser uma inspiração para as mães em todo o mundo».

Por acidente, Jubal Harshaw viu uma das imagens e a história que a acompanhava numa revista que algum visitante teria deixado em sua casa. Riu-se dela e afixou-a no placard informativo que havia na cozinha... e depois reparou (como previra) que não ficou muito tempo afixada, o que voltou a fazê-lo rir.

Não se riu muitas vezes nessa semana; o mundo estivera demasiado presente. A imprensa depressa parou de aborrecer Mike e o pessoal da casa de Harshaw, quando ficou claro que a história chegara ao fim e que Harshaw não tencionava deixar que nenhuma nova notícia acontecesse — mas muitos milhares de outras pessoas, que não estavam no negócio noticioso, não esqueceram Mike. Douglas fez um esforço honesto para assegurar a privacidade de Mike; tropas dos S. S. patrulhavam agora a vedação de Harshaw e um carro dos S. S. circulava por cima da propriedade e interpelava cada carro que tentasse aterrar. Mas Harshaw ressentia-se da necessidade de ter guardas.

Os guardas mantinham as pessoas afastadas; o correio e o telefone chegavam. Jubal lidou com o telefone mudando de número e dirigindo todas as chamadas para um serviço de atendimento, ao qual foi fornecida uma lista muito limitada de pessoas de quem Harshaw aceitaria chamadas — e mesmo assim manteve o instrumento existente em casa em modo «recusar e gravar» durante a maior parte do tempo.

Mas o correio chega sempre.

A princípio Harshaw disse a Jill que o problema era de Mike. O rapaz tinha de crescer algum dia; podia começar por tratar do seu próprio correio... e ela podia ajudá-lo e aconselhá-lo.

— Mas não me chateies *a mim* com isso; já tenho problemas suficientes com os meu próprio correio avariado da cabeça.

Jubal não conseguiu fazer com que a decisão se cumprisse; o correio era demasiado e Jill simplesmente não sabia como lidar com ele.

Organizar o correio em categorias já era uma dor de cabeça. Jubal resolveu esse problema começando por telefonar ao chefe dos correios locais (o que não obteve resultados) e telefonando depois a Bradley, o que obteve resultados depois de uma «sugestão» das altas instâncias seguir o seu curso até chegar ao nível local; daí em diante, o correio destinado a Mike passou a chegar ensacado e dividido em primeira classe, segunda classe, terceira classe e quarta classe, vindo o correio destinado a todos os outros habitantes da casa em mais um saco.

O correio de segunda e terceira classes foi usado para isolar uma despensa subterrânea a norte da casa, visto que a cave antiga tinha sido criada pelo dono anterior como abrigo antinuclear e nunca fora satisfatória

como despensa. Quando a nova cave ficou excessivamente isolada e deixou de poder receber mais cartas, Jubal disse a Duke para as usar como entulho para deter a erosão em regos abertos pela chuva; quando combinado com uma pequena quantidade de vegetação rasteira, esse correio compactava muito bem.

O correio de quarta classe era um problema, especialmente porque uma embalagem explodiu prematuramente no edifício dos correios da aldeia, fazendo saltar vários anos de anúncios de «Procura-se» do placard informativo e estragando uma tabuleta de «Use o guichê seguinte» — por grande sorte, o chefe dos correios tinha ido tomar café e a ajudante, uma senhora idosa com os rins em mau estado, estava a salvo na casa de banho. Jubal pensou em fazer passar todo o correio de quarta classe pelos especialistas em explosivos dos S. S., que executavam o mesmo serviço para o secretário-geral.

Isto acabou por não ser necessário; Mike era capaz de detetar um «erro» numa embalagem sem a abrir. Daí em diante, todo o correio de quarta classe era despejado numa pilha logo depois do portão; em seguida, depois de o carteiro se ir embora, Mike examinava a pilha à distância e fazia desaparecer qualquer pacote indesejado; depois, Larry trazia o resto para dentro de casa. Jubal sentia que aquele método era muito melhor do que ensopar as embalagens suspeitas e abri-las na escuridão, examiná-las através de raios-X ou por qualquer outro método convencional.

Mike adorava abrir os pacotes inofensivos; para ele, isso transformava todos os dias em Natal. Gostava em especial de ler o seu nome nas etiquetas com o endereço. O saque que vinha lá dentro podia ou não interessar-lhe; geralmente dava-o a um dos outros — ao fazê-lo, descobrindo que podia dar presentes aos amigos, finalmente aprendeu o que era a «propriedade». Tudo o que ninguém queria acabava num rego; isso incluía, por definição, todos os presentes de comida, pois Jubal não tinha a certeza se o faro de Mike para o «erro» se estendia aos venenos... em especial depois de Mike ter bebido, por engano, uma proveta de uma solução venenosa que Duke deixara no frigorífico para os seus trabalhos fotográficos — Mike limitara-se a dizer com brandura que o «chá gelado» tinha um sabor que não tinha a certeza se lhe agradava.

Jubal disse a Jill que, à parte essa exceção, não havia problema em

ficarem com qualquer coisa que chegasse a Mike em embalagem postal desde que nada (a) fosse pago, (b) tivesse resposta ou (c) fosse devolvido, por mais marcado que estivesse. Algumas das coisas eram presentes legítimos; eram mais as mercadorias não encomendadas. Em ambos os casos, Jubal partia concludentemente do princípio de que quaisquer bens não solicitados representavam sempre tentativas de fazer uso do Homem de Marte e por conseguinte não mereciam agradecimentos.

Foi aberta uma exceção para animais vivos, de pintainhos a bebês de jacaré, que Jubal lhe aconselhou a devolver — a menos que estivesse disposta a garantir o tratamento e alimentação dos animais, e a aceitar a responsabilidade de os impedir de caírem na piscina.

O correio de primeira classe era uma dor de cabeça à parte. Depois de examinar um par de arrobas do correio de primeira classe de Mike, Jubal estabeleceu uma lista de categorias:

- A. Cartas com pedidos, pessoais e institucionais — para os regos.
- B. Cartas ameaçadoras — arquivar sem responder. A partir da segunda carta com a mesma origem, entregar aos S. S.
- C. Ofertas de negócios de qualquer natureza — reenviar a Douglas, sem resposta.
- D. Cartas de malucos que não contivessem ameaças — passar de mão em mão as que fossem realmente deliciosas; o resto, para os regos.
- E. Cartas amigáveis — responder apenas se acompanhadas por envelope selado e endereçado... caso em que se devia usar uma de várias cartas-modelo, a ser assinada por Jill. (Jubal fez notar que cartas assinadas pelo Homem de Marte eram valiosas *per se* e um convite aberto a mais correio inútil.)
- F. Cartas escatológicas — passar a Jubal (que apostara consigo mesmo que nenhuma dessas cartas mostraria algum dia o mais ténue sinal de novidade literária) para serem depois deitadas fora, isto é, regos.
- G. Pedidos de casamento e propostas menos formais

— ignorar e arquivar. Usar o procedimento descrito em «B» à terceira infração.

H. Cartas de instituições científicas e educacionais — tratar como «E»; se obtivessem resposta, usar carta-modelo a explicar que o Homem de Marte não estava disponível para *nada*; se Jill achasse que uma carta-modelo não serviria, passar a Jubal.

I. Cartas de pessoas que tinham realmente conhecido Mike, tais como toda a tripulação da *Champion*, o presidente dos Estados Unidos e alguns outros — deixar que Mike lhes respondesse exatamente como quisesse; o exercício de escrita seria bom para ele, e o exercício em relações humanas era-lhe ainda mais necessário (e se ele quisesse conselhos, que os pedisse).

Aquele guia cortou o número de cartas que tinham de obter resposta até um valor manejável — umas quantas todos os dias para Jill, menos ainda para Mike. Abrir o correio já constituía em si mesmo um esforço substancial, mas Jill descobriu que o conseguia ler na diagonal e classificar em cerca de uma hora, todos os dias, depois de se habituar a fazê-lo. As primeiras quatro categorias permaneceram grandes em permanência; a categoria «G» foi muito grande durante a quinzena que se seguiu à estereomissão mundial vinda do Palácio, e depois reduziu-se e a curva aplanou, transformando-se num fluxo pequeno e contínuo.

Jubal avisou Jill de que, embora Mike só devesse responder pessoalmente às cartas de conhecidos e amigos, o correio que lhe era endereçado era seu, para que o lesse se desejasse.

Na terceira manhã após o sistema de categorias ter sido posto em prática, Jill trouxe a Jubal uma carta de categoria «G». Mais de metade das senhoras e outras mulheres (além de uns quantos homens insensatos) que alimentavam esta categoria incluíam fotografias alegadamente suas; algumas dessas imagens pouco deixavam à imaginação, o mesmo se passando com as próprias cartas, na maioria dos casos.

Aquela carta incluíam uma imagem que conseguia não só nada deixar

à imaginação, mas começar do início, estimulando a imaginação de novas coisas. Jill disse:

— Olhe para isto, chefe! Só lhe peço!

Jubal leu a carta, depois olhou para a imagem.

— Ela parece saber o que quer. O que pensa o Mike disto?

— Não a viu. Foi por isso que lha trouxe.

Jubal voltou a deitar uma olhadela à fotografia.

— Um tipo a que na minha juventude chamávamos «bem fornecida». Bem, o seu sexo não está em dúvida e a agilidade também não. Mas porque é que ma estás a mostrar *a mim*? Já vi melhor, garanto-te.

— Mas o que devo eu fazer com isto? A carta já é suficientemente má... mas esta imagem *repugnante*... devo rasgá-la? Antes que o Mike a veja!

— Ah. Sente-se, enfermeira. O que é que diz no envelope?

— Nada. Só traz o endereço e o endereço do remetente.

— O que diz o endereço?

— Hã? «Sr. Valentine Michael Smith, o Homem de...»

— Ah. Então não está endereçada a ti.

— Ora, claro que não...

— Só queria ter a certeza disso. Agora vamos lá a ver uma coisa. Eu não sou guardião do Mike. Tu não és nem mãe dele, nem o seu pau-de-cabeleira. Eu limitei-me a cooptar-te como sua secretária. Se o Mike quiser ler tudo o que cá chega endereçado a ele, incluindo lixo postal de terceira classe, é livre de o fazer.

— Bem, ele lê mesmo quase todos os anúncios. Mas com certeza não quer que ele veja nojices, pois não? Jubal, o Mike não sabe como é o mundo. É inocente.

— Ah é? Quantos homens matou ele até agora, Jill?

Jill não respondeu; fez um ar infeliz.

Jubal prosseguiu:

— Se queres ajudá-lo, concentra-te em ensinar-lhe que nesta sociedade não se encara bem a matança indiferente. De outra forma, ele vai tornar-se com toda a certeza desagradavelmente conspícuo quando sair para o mundo.

— Hum, não me parece que ele queira «sair para o mundo».

— Bem, mas eu é que vou com toda a certeza empurrá-lo para fora do ninho assim que achar que consegue voar. Pode voltar mais tarde, se quiser... mas não vou fazer com que lhe seja possível viver aqui a vida toda, como uma criança com o desenvolvimento travado. Para começar, *não posso*, mesmo se quisesse... porque o mais certo é o Mike viver mais uns sessenta ou setenta anos do que eu, e este ninho desaparecerá. Mas tens razão; o Mike é inocente... pelos nossos padrões. Enfermeira, alguma vez viste aquele laboratório estéril no Notre-Dame?

— Não. Mas li sobre ele.

— Os animais mais saudáveis do mundo... mas nunca poderão sair do laboratório. Pequena, eu não estou aqui a gerir um laboratório estéril. O Mike tem de tomar contacto com «nojices», como tu lhes chamas... e ficar imunizado contra elas. Um dia vai conhecer a rapariga que escreveu esta carta, ou a sua gémea espiritual... na verdade, vai conhecê-la às dúzias e às centenas... raio, com a notoriedade e o bom aspeto que tem pode passar a vida a saltar de cama quente em cama quente, se quiser. Tu não o podes impedir, eu não o posso impedir; é com o Mike. E além disso, *eu* não quereria impedi-lo, embora para o meu gosto essa seja uma forma tola de passar a vida... fazer os mesmos exercícios uma e outra vez, quero eu dizer. O que é que *tu* achas?

— Eu... — Jill calou-se e corou.

— Retiro a pergunta. Talvez não os aches monótonos... mas não tenho nada com isso, seja como for. No entanto, se não quiseres que o Mike perca o pé com as primeiras quinhentas mulheres que o apanharem sozinho (e também eu não acho que seja boa ideia; ele devia ter também outros interesses), então não tentes intersetar-lhe o correio. Cartas como esta podem vaciná-lo um bocadinho... ou pelo menos tender a pô-lo de sobreaviso. Não faças alarido com ela; passa-lha no meio da pilha, com imagem «nojenta» e tudo. Responde-lhe às perguntas se ele as fizer... e tenta não corar.

— Hum, está bem. Chefe, você é muitíssimo irritante quando é lógico!

— Sim, é uma forma muito grosseira de discutir. E agora raspa-te.

— Está bem. Mas vou rasgar aquela fotografia depois de o Mike a ver.

— Oh, não faças isso!

— O quê? *Você* quer ficar com ela, chefe?

— Pelo amor da santa, não! Já te disse que vi muito melhor. Mas o Duke não é tão amargo como eu; coleciona imagens dessas. Se o Mike não a quiser, e aposto cinco contra um que não vai querer, dá-a ao Duke. Ele ficaria deliciado.

— O Duke coleciona lixo deste? Mas parece ser uma pessoa tão simpática.

— E é. Uma pessoa mesmo muito simpática. Se não fosse, eu punha-o na rua.

— Mas... não compreendo.

Jubal suspirou.

— E eu podia ficar aqui o dia inteiro a explicar e tu continuarias sem compreender. Querida, há aspetos do sexo em que é impossível comunicar entre os dois sexos da nossa raça. Por vezes são grocados por intuição, de um lado ao outro do golfo que nos separa, por alguns indivíduos excepcionalmente talentosos. Mas as palavras são inúteis, portanto nem vou tentar. Aceita simplesmente a minha palavra: o Duke é um perfeito cavaleiro andante, *sans peur et sans reproche*... e gostaria de ter essa imagem.

— Está bem, pode ficar com ela, se o Mike não a quiser. Mas eu vou simplesmente entregá-la a si. Não vou ser eu a dá-la ao Duke... ele pode ficar com ideias.

— Mariquinhas. Podias gostar das ideias dele. Tirando isso, há alguma coisa surpreendente no correio?

— Não. Há a habitual colheita de pessoas que querem que o Mike apoie isto ou aquilo, ou que tente vender coisas «Oficiais do Homem de Marte»... um cavaleiro teve o topete de pedir um monopólio de cinco anos sobre o nome, livre de direitos, mas também quer que o Mike o financie.

— Eu admiro essa espécie de ladrão empenhado. Encoraja-o. Diz-lhe que o Mike é tão rico que faz crepes Suzette com conhaque Napoleon e precisa de algumas perdas fiscais... portanto gostaria de receber quanto como abono?

— Está a falar a sério, chefe? Terei de ir desenterrar a carta do grupo já ensacado para enviar ao Sr. Douglas.

— Claro que não estou a falar a sério. O gatuno haveria de aparecer aqui amanhã, e com a família atrás. Mas deste-me uma bela ideia para uma história, portanto raspa-te. *Frente!*

Mike não se mostrou indiferente à fotografia «nojenta». Grocou corretamente (ainda que apenas de forma teórica) o que a carta e a imagem simbolizavam e estudou a foto com o deleite inocente com que estudava todas as borboletas que por ele passavam. Achava tanto as borboletas como as mulheres tremendamente interessantes — na verdade, todo o mundo grocável à sua volta era encantador e queria beber de tudo, até o seu grocar se tornar perfeito.

Compreendia, intelectualmente, os processos mecânicos e biológicos que lhe eram oferecidos naquelas cartas, mas não percebia por que motivo aquelas desconhecidas queriam a sua ajuda para fertilizar os ovos. Mike compreendia (sem o grocar) que aquelas pessoas transformavam aquela necessidade simples num ritual, num «aproximar» talvez quase tão importante e precioso como a cerimónia da água. Estava ansioso por grocar aquilo.

Mas não estava com pressa, uma vez que a «pressa» era um conceito humano que falhara por completo em grocar. Estava sensivelmente consciente da importância-chave do aproveitar o momento correto em todos os atos — mas com a abordagem marciana: alcançava-se o momento correto esperando. Reparara, claro, que aos seus irmãos humanos faltava a sua fina discriminação do tempo — mas não lhes levou a mal aquela inocente falta de jeito; apenas aprendeu a esperar mais depressa, a fim de compensar as deficiências deles.

De facto, por vezes esperava mais depressa com tal eficiência, que um ser humano teria concluído que se estava a apressar a uma velocidade estonteante. Mas esse ser humano enganar-se-ia — Mike estava simplesmente a ajustar a sua espera com uma calorosa consideração pelas necessidades dos outros.

Portanto, aceitou o édito de Jill de que não devia responder a nenhuma daquelas ofertas fraternas de humanos do sexo feminino, mas aceitou-o não como veto definitivo, antes como uma espera — era possível que daí a um século fosse melhor; e de qualquer forma aquele não era o momento certo, uma vez que o seu irmão de água Jill falava corretamente.

Mike concordou prontamente quando Jill sugeriu, com grande firmeza, que ele desse aquela fotografia a Duke. Foi imediatamente fazê-lo e seria o que faria de qualquer forma; Mike conhecia a coleção de Duke, já a vira, examinara-a com profundo interesse, tentando grocar por que motivo Duke dissera:

— Esta não é grande coisa de cara, mas olha para essas pernas... *mano!*

Mike sentia-se sempre bem quando algum dos seus irmãos de água lhe chamava «irmão», mas pernas eram simplesmente pernas, com o detalhe de o seu povo ter três por pessoa, ao passo que os humanos tinham só duas — sem serem por isso deficientes, fez lembrar a si mesmo; duas pernas eram o correto para os humanos, nunca podia deixar de grocar que isso era o correto.

E quanto a caras, Jubal tinha a cara mais bonita que Mike vira na vida, clara e distintamente sua. Parecia a Mike que mal se poderia dizer que aquelas fêmeas humanas da coleção de fotos de Duke já tinham completado as caras, de tal modo estas se pareciam umas com as outras. Todas as jovens fêmeas humanas tinham mais ou menos a mesma cara — e como poderia ser de outra forma? Claro que ele nunca tivera problemas em reconhecer a cara de Jill; ela não só fora a primeira mulher que vira na vida mas, sobretudo, fora o seu primeiro irmão de água do sexo feminino — Mike conhecia cada poro do seu nariz, cada rugazinha incipiente da sua cara, e elogiara-os a todos em feliz meditação.

Mas, embora agora distinguisse Anne de Dorcas e Dorcas de Miriam apenas pelas caras, tal não acontecera quando chegara àquela casa. Mike distinguira-as durante vários dias pelo tamanho e coloração — e, claro, pela voz, pois duas vozes nunca eram iguais. Mas por vezes acontecia que todas as três mulheres se silenciavam ao mesmo tempo e então era bom que Anne fosse tão maior, Dorcas tão pequena, e que Miriam, maior do que Dorcas mas mais pequena do que Anne, não pudesse ser confundida com a que faltava se Anne ou Dorcas estivessem ausentes, porque Miriam tinha um cabelo inconfundível chamado «ruivo», conhecido em inglês pela mesma palavra que queria dizer «vermelho», apesar de não ser da cor chamada «vermelho» quando se falava de qualquer coisa que não fosse cabelo.

Aquele significado especial de «vermelho» não perturbava Mike; já antes de chegar à Terra sabia que todas as palavras inglesas tinham mais do que um significado. Era um facto a que era possível habituar-se sem grocar, tal como era possível habituar-se a que todas as caras das raparigas fossem iguais... e, depois de esperar, elas deixavam de ser exatamente iguais. Mike conseguia agora chamar à memória a cara de Anne e contar tão prontamente os poros no seu nariz como no de Jill. Em essência, até um ovo era unicamente ele próprio, diferente de todos os outros ovos em todos os lugares e tempos — Mike sempre o soubera. Portanto, cada rapariga tinha a sua própria cara, por mais pequenas que essas diferenças pudessem ser.

Mike deu a imagem «nojenta» a Duke e sentiu-se contente pelo prazer de Duke. Mike não sentia que estava a privar-se ao abrir mão da imagem; já a vira uma vez, podia vê-la mentalmente sempre que desejasse — até a cara nessa imagem, pois ela resplandecia com uma muito incomum expressão de bela dor.

Aceitou gravemente os agradecimentos de Duke e regressou, feliz, à leitura do correio.

Mike não partilhava do aborrecimento de Jubal com a avalanche de correio; divertia-se com ele, tanto com os anúncios de seguros, como com as propostas de casamento. A viagem ao Palácio abria-lhe os olhos para a enorme variedade existente naquele mundo, e estava decidido a grocá-lo todo. Apercebia-se de que demoraria vários séculos a fazê-lo e teria de crescer e crescer e crescer, mas isso não o intimidava e não tinha pressa — grocava agora que a eternidade e a bela mudança constante eram idênticas.

Decidira não reler a Enciclopédia Britânica; a inundação de correio dava-lhe vislumbres mais vivos do mundo. Lia-o, grocava o que conseguia, guardava o resto na memória para contemplar à noite enquanto a casa dormia.

Com essas noites de meditação estava a começar, achava, a grocar «negócios» e «dinheiro» e «comprar» e «vender» e as atividades não-marcianas afins — os artigos na Enciclopédia tinham-no deixado sempre a sentir-se incompleto, pois (como agora grocava) todos tinham partido do princípio de que sabia muitas coisas que não sabia. Mas chegou por correio

um livro de cheques e outros papéis, enviados pelo Sr. Secretário-Geral Joseph Edgerton Douglas, e o irmão Jubal esforçara-se muito para lhe explicar o que era o dinheiro e como era usado.

A princípio, Mike falhara por completo em compreender, apesar de Jubal lhe mostrar como passar o seu primeiro cheque, lhe dar «dinheiro» em troca e lhe ensinar a contá-lo.

Depois, subitamente, com um grocar tão deslumbrante que tremeu e se forçou a não se retirar, compreendeu a natureza abstrata e simbólica do dinheiro. Aquelas imagens bonitas e medalhões brilhantes não eram «dinheiro»; eram símbolos concretos de uma ideia abstrata que se disseminava por todas aquelas pessoas, por todo o seu mundo. Mas aquelas *coisas* não eram dinheiro, tal como a água partilhada na cerimónia de água não era a aproximação. A água não era necessária para a cerimónia... e aquelas coisas bonitas não eram necessárias ao dinheiro. O dinheiro era uma *ideia*, tão abstrata como os pensamentos dos Velhos — o dinheiro era um grande símbolo estruturado de equilíbrio, cura e aproximação.

Mike ficou estonteado com a magnífica beleza do dinheiro.

O fluxo e mudança e contramarcha dos símbolos era outra questão, bela em ponto pequeno, mas fazia-lhe lembrar os jogos ensinados às crias para lhes ensinar a raciocinar corretamente e a crescer. O que o estonteava era a estrutura total, a ideia de que um mundo inteiro podia refletir-se numa estrutura simbólica dinâmica e completamente interconectada. Mike grocou que os Velhos daquela raça eram realmente muito velhos para terem composto uma tal beleza, e desejou humildemente que em breve lhe fosse permitido conhecer um deles.

Jubal encorajou-o a gastar algum do seu dinheiro e Mike fê-lo, com a paciência tímida e insegura de uma noiva a ser levada para a cama. Jubal sugeriu que ele «comprasse presentes para os amigos» e Jill ajudou-o nisso, começando por instituir limites arbitrários: só um presente por cada amigo e um custo total que não era sequer um três reciprocamente preenchido da soma que fora colocada na sua conta — a intenção original de Mike fora gastar *todo* esse belo saldo com os amigos.

Depressa aprendeu quão difícil é gastar dinheiro. Havia tantas coisas à escolha, todas maravilhosas e a maioria incompreensíveis. Rodeado por grossos catálogos, da Marshal Field's à Ginza e de volta via Bombaim e

Copenhaga, sentia-se sufocado sob uma imensidão de riquezas. Até o catálogo da Sears & Montgomery era demasiado para ele.

Mas Jill ajudou.

— Não, Mike, o Duke não quereria um trator.

— O Duke gosta de tratores.

— Hum, talvez... mas já tem um, ou pelo menos o Jubal tem, o que vai dar ao mesmo. Podia gostar de um destes lindos uniclozinhos belgas... podia desmontá-lo e voltar a montá-lo e passar o dia inteiro a dar-lhe lustro. Mas mesmo isso é demasiado caro, com todos os impostos que tem em cima. Mike, querido, um presente não deve ser muito caro... a menos que estejas a tentar levar uma rapariga a casar contigo, ou coisa assim. Especialmente «coisa assim». Mas um presente deve mostrar que pensaste nele e tiveste em consideração os gostos da pessoa. Algo de que ele gostaria mas provavelmente não compraria para si.

— Como?

— O problema é sempre esse. Espera aí. Acabei de me lembrar de ver uma coisa no correio desta manhã... espero que o Larry ainda não o tenha levado para o aterro. — Voltou depressa. — Encontrei! Ouve isto: «Living Aphrodite: um Luxuoso Álbum de Beleza Feminina em Maravilhosa Estereocor, pelos Maiores Artistas Mundiais da Câmara. Nota: este artigo *não* será enviado por correio comum. Só será enviado, à responsabilidade do comprador, por correio expresso pré-pago. Não se aceitam encomendas provenientes dos seguintes estados...» Hum, a Pensilvânia está na lista proibida... mas não deixes que isso te preocupe; se for endereçado a ti, será entregue... e, se bem conheço os gostos vulgares do Duke, isto é precisamente aquilo que lhe agradaria.

Duke gostou mesmo. A encomenda foi entregue, não por correio expresso, mas pelo carro de patrulha dos S. S. que pairava sobre a casa — e o anúncio seguinte ao mesmo produto que chegou à casa gabava-se: «... exatamente conforme fornecido ao Homem de Marte, por encomenda especial», o que agradou a Mike e aborreceu Jill.

Outros presentes foram igualmente difíceis, mas escolher um presente para Jubal foi supremamente difícil. Jill estava sem ideias. O que é que se compra para um homem que tem tudo — isto é, tudo o que quer e o dinheiro pode comprar? A Esfinge? Três Desejos? A fonte que Ponce

de Leon não conseguiu encontrar? Óleo para os seus ossos antigos ou um dia dourado de juventude? Jubal há muito renegara até os animais de estimação, porque lhes sobrevivia ou (pior ainda) porque era agora possível que um animal de estimação lhe sobrevivesse e ficasse órfão.

Consultaram os outros em privado.

— Ora — disse-lhes Duke, — não sabiam? O chefe gosta de estátuas.

— A sério? — respondeu Jill. — Não vejo nenhuma escultura por aí.

— Isso é porque a maior parte do material que lhe agrada não está à venda. Diz que a porcaria que andam a fazer hoje em dia parece um desastre numa lixeira e que qualquer idiota com um maçarico e astigmatismo é capaz de se estabelecer como escultor.

Anne concordou pensativamente com a cabeça.

— Acho que o Duke tem razão. É possível perceber quais são os gostos de Jubal em escultura examinando os livros que tem no gabinete. Mas duvido que isso ajude muito.

Apesar disso, Anne, Jill e Mike, foram ver, e Anne escolheu três livros que (aos seus olhos) mostravam sinais de terem sido examinados com mais frequência.

— Hum... — disse ela. — É claro que o chefe gostaria de qualquer coisa feita por Rodin. Mike, se conseguisses comprar uma destas esculturas para Jubal, qual escolherias? Oh, aqui está uma bonita... «Primavera Eterna».

Mike mal olhou essa e virou a página.

— Esta.

— Quê? — Jill olhou a escultura e estremeceu. — Mike, essa é absolutamente *terrível!* Espero morrer muito antes de ter esse aspeto.

— Isso é beleza — disse Mike com firmeza.

— Mike! — protestou Jill. — Tu tens um gosto depravado... és pior que o Duke. Ou então simplesmente sabes muito pouco.

Normalmente, uma censura daquelas vinda de um irmão de água, e em especial de Jill, teria silenciado Mike, tê-lo-ia forçado a passar a noite seguinte a tentar compreender a sua falha. Mas aquilo era arte, na qual estava seguro de si. A estátua ali representada era a primeira das coisas que vira na Terra que lhe parecia um sopro da sua pátria. Embora fosse

claramente uma imagem de uma mulher humana, dava-lhe a sensação de que um Velho marciano devia estar algures por perto, e ser responsável por aquela criação.

— É uma beleza — insistiu, obstinado. — Ela tem a sua própria cara. Eu groco.

— Jill — disse Anne devagar — o Mike tem razão.

— Há? Anne! Com certeza não *gostas* disto, gostas?!

— Isso assusta-me. Mas o Mike conhece os gostos de Jubal. Olha para o próprio livro. Abre-se naturalmente num de três pontos. E agora olha para as páginas... esta página foi mais manuseada do que as outras duas. O Mike escolheu a preferida do chefe. Desta outra... «A Cariátide Que Caiu sob o Peso da Sua Pedra»... gosta quase tanto como da primeira. Mas a que o Mike escolheu é a que Jubal mais estima.

— Vou comprá-la — disse Mike, com um ar decidido.

Mas não estava à venda. Anne telefonou em nome de Mike ao Museu Rodin, em Paris, e só a galanteria gaulesa e a sua beleza evitaram que se rissem na sua cara. *Vender* um dos trabalhos do Mestre? Querida senhora, eles não só não estão à venda, como não podem ser reproduzidos. *Non, non, non! Quelle idée!*

Mas há coisas que são possíveis para o Homem de Marte e seriam impossíveis para outros. Anne telefonou a Bradley; dois dias depois, ele telefonou-lhe de volta. Como tributo do governo francês — sem gastos mas com um pedido fortemente formulado para o presente nunca ser exibido em público — Mike receberia não o original mas uma réplica em tamanho original, microscopicamente exata, um fotopantograma em bronze de «Aquela Que Foi a Bela Heaulmière».

Jill ajudou Mike a escolher presentes para as raparigas, aí conhecia o terreno que pisava. Mas quando ele lhe perguntou o que deveria comprar para *ela*, não só não ajudou como insistiu que não lhe devia comprar nada.

Mike estava a começar a compreender que, embora um irmão de água falasse sempre corretamente, por vezes falava mais corretamente do que de outras, i.e., que a língua inglesa possuía profundezas e era por vezes necessário sondá-la para alcançar a profundidade certa. Portanto, consultou Anne.

— Sim, compra-lhe um presente, querido. Ela tem de te dizer aquilo... mas dá-lhe um presente na mesma. Hum... — Anne vetou roupa e joias, escolhendo finalmente um presente que o confundiu... Jill já cheirava precisamente como Jill devia cheirar.

O pequeno tamanho e aparente pouca importância do presente, quando chegou, aumentou-lhe as dúvidas — e quando Anne o deixou cheirá-lo antes de mandar dá-lo a Jill, Mike ficou com mais dúvidas do que nunca; o odor era muito forte e não cheirava nada a Jill.

Apesar disso, Anne tivera razão; Jill ficou deliciada com o perfume e insistiu em beijá-lo imediatamente. Ao beijá-la, ele grocou por completo que aquele presente era o que ela desejava e que os tinha feito aproximarem-se mais.

Quando a usou ao jantar, nessa noite, ele descobriu que a fragrância não diferia realmente da fragrância da própria Jill; de alguma forma pouco clara, limitava-se a fazer Jill cheirar mais deliciosamente a Jill do que nunca. E, mais estranho ainda, fez Dorcas beijá-lo e sussurrar:

— Mike, querido, o negligé é lindo e precisamente o que eu queria... mas será possível que um dia também me dês perfume *a mim*?

Mike não conseguia grocar por que motivo Dorcas o queria, uma vez que Dorcas não cheirava nada a Jill e portanto o perfume não seria adequado para ela... e compreendeu que tampouco queria que Dorcas cheirasse a Jill; queria que Dorcas cheirasse a Dorcas.

Jubal interrompeu:

— Deixa de focinhar no moço e deixa-o jantar! Dorcas, tu já fedes como um gato doméstico marselhês; não te ponhas com falinhas mansas com o Mike para que ele te arranje mais cheiretes.

— Chefe, meta-se mas é na sua vida.

Era tudo muito confuso — tanto que Jill pudesse cheirar ainda mais a Jill... e que Dorcas quisesse cheirar a Jill quando já cheirava a si mesma... e que Jubal dissesse que Dorcas cheirava a gato, quando não cheirava. Havia um gato que vivia na propriedade (não como animal de estimação, mas como coproprietário); em raras ocasiões vinha até à casa e dignava-se a aceitar uma oferenda. O gato e Mike tinham-se grocado imediatamente um ao outro, e Mike achava os pensamentos carnívoros do animal muito agradáveis e bastante marcianos. Também descobrira que o nome

do gato (Friedrich Wilhelm Nietzsche) não era de todo o nome do gato, mas não o dissera a ninguém porque não era capaz de pronunciar o nome verdadeiro do gato; só o conseguia ouvir mentalmente.

O gato não cheirava como Dorcas.

Dar presentes era um grande bem e a compra dos presentes ensinou muito a Mike sobre o verdadeiro valor do dinheiro. Mas não esquecia, nem por um momento, que havia outras coisas que estava ansioso por grocar. Jubal recusara por duas vezes o convite do Senador Boone a Mike sem fazer disso menção a Mike, e este não reparara, uma vez que a sua conceção muito diferente do tempo transformava «o próximo domingo» em nenhuma data específica.

Mas a repetição seguinte do convite chegou por correio e vinha dirigida a Mike; O Senador Boone estava a ser pressionado pelo Supremo Bispo Digby para lhe apresentar o Homem de Marte, e Boone sentira que Harshaw estava a empatá-lo e poderia empatar indefinidamente.

Mike levou a carta a Jubal e ficou à espera.

— Então? — rosnou Jubal. — Queres ir ou não queres? Não tens de participar num serviço fosterita. Podemos dizer-lhes para irem para o inferno.

E assim, um táxi com condutor humano (Harshaw recusava-se a confiar a vida a um autotáxi) foi buscá-los na manhã do domingo seguinte e entregou Mike, Jill e Jubal numa plataforma pública de pouso mesmo à porta do sagrado recinto do Tabernáculo Arcanjo Foster da Igreja da Nova Revelação.